



## O Presidente comenta



Affonso Renato Meira

Estou muito feliz, honrado, agradecido, ainda emocionado, e até um pouco envaidecido. Foi uma noite memorável! A Academia de Medicina de São Paulo abriu os braços para receber a sociedade paulistana e foi um abraço prolongado, amistoso, carinhoso. Os médicos de São Paulo reuniram-se para comemorar o 117º aniversário da Academia de Medicina de São Paulo e para assistir à posse de novos 27 acadêmicos. Sete de março valeu pelo semestre passado inteiro e, portanto, antes de falar no futuro, é impossível esquecer o passado. A Academia de Medicina de São Paulo tem como objetivo preservar a tradição. A tradição é escrita no presente, e isso a Academia de Medicina de São Paulo vem fazendo cuidadosamente. Como eu disse no meu pronunciamento naquela ocasião: “Na realidade, a Academia de Medicina de São Paulo não tem o ardor do Sindicato dos Médicos de São Paulo, nem o poder do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, sequer a grandeza da Associação Paulista de Medicina, mas como um perfume que de um pequeno frasco exala uma fragrância das mais poderosas, ou de um vinho que se qualifica pelo tempo em que é guardado, a Academia de Medicina de São Paulo, na pequenez de seus cento e trinta membros titulares, oferece a experiência guardada da vida passada, a sabedoria de seus componentes e a prudência de seus objetivos”. Com prudência, outros objetivos estão sendo traçados para oferecer às sociedades paulistana, paulista e brasileira, uma medicina mais qualificada, com médicos mais capazes. É o surgir de uma nova Academia, com todas as suas cadeiras preenchidas com ideias novas, guardando o passado, mas caminhando para um futuro, que a exemplo do presente, é muito promissor. Um presente em que a Academia acompanha as reivindicações dos médicos paulistas, compondo com as outras três maiores entidades: a Federação das Entidades Médicas do Estado de São Paulo. E um futuro, quando a Academia publicará um livro com a biografia dos 130 membros titulares que preencheram a totalidade de suas cadeiras, no dia 7 de março de 2012, ao lado de um esboço histórico dos seus 117 anos. Preservando o passado, trabalhando no presente e semeando para o futuro. É o que Acadêmica de Medicina de São Paulo deve à sociedade brasileira.

## Hipócrates

### A mais importante figura da história da Saúde

Vamos dar um salto no tempo e nos localizarmos na encantadora ilha grega de Cós, no dodecaneso, ano 460 a.C. Lá nascia Hipócrates, considerado o médico mais importante da antiguidade e até hoje celebrado por muitos como o pai da Medicina, ou segundo outros, como o pai da Ética Médica. Pertencia a uma família asclepiade, assim denominada por ser formada por pessoas que durante gerações praticavam os cuidados com a saúde e que se diziam descendentes de Asclépio.

Embora os dados de sua biografia não sejam totalmente confiáveis, parece ter viajado e estudado em várias cidades da Grécia, eventualmente chegando até o Oriente Próximo, antes de fixar em Cós, aonde fundou uma Escola de Medicina, muito famosa a seu tempo.

De suas obras, ou do que delas restou, pode-se identificar a rejeição da superstição e das práticas mágicas da “saúde” primitiva, procurando compreender o organismo humano na teoria dos quatro humores corporais: sangue, fleugma (ou estado de espírito), bílis amarela e bílis negra (atrabilis) que, consoante às quantidades relativas presentes no corpo, levariam a estados de equilíbrio (eucrasia) ou de doença e dor (discrasia). Esta visão hipocrática perdurou até o século XVIII. Seus escritos sobre anatomia contêm descrições claras tanto sobre instrumentos de dissecação quanto sobre procedimentos práticos.

Para Hipócrates, as doenças estavam igualmente relacionadas ao meio ambiente, ao clima, a uma determinada raça e à alimentação. Seus principais conceitos estão descritos em sua obra “Aforismos”, apresentando uma ideia absolutamente inovadora, de que o médico poderia prever a evolução de uma doença mediante a observação de um número suficiente de casos. Muitos desses conceitos ainda têm validade no mundo contemporâneo.

Uma coleção conhecida como “Corpus hippocraticum” provavelmente é o único documento que existe da biblioteca médica da famosa Escola de Medicina de Cós. Essa coleção é composta por 72 livros, dentre eles, sete tratam exclusivamente da Ética Médica, sobressaindo-se deles o famoso Juramento, cujo texto está publicado em vários idiomas e que resultou de traduções oriundas de antigos e raros manuscritos. O Juramento hipocrático é considerado um patrimônio da humanidade por seu elevado sentido moral e, durante séculos, tem sido repetido como um compromisso solene daqueles que são aceitos por seus pares, por considerá-los capazes de exercer a medicina e, assim, admitidos como novos membros da classe médica.

A data de sua morte é incerta, aceitando-se que tenha morrido longevo, possivelmente por volta do ano 380 a.C. Foi sepultado em Larissa, na Tessália e seu túmulo foi venerado pelo povo durante muitos séculos.



Hipócrates - 460 a.C. - 370 a.C.

## Palavra da Editora



**A** Academia está fervilhando com inúmeras atividades. Além da participação em vários eventos científicos, representada por seu Presidente ou por outros acadêmicos, diversos temas atuais estão sendo propostos e discutidos, dentro de seu escopo de preservar a cultura médica, a qualidade da medicina e a dignidade do médico. Assim é que a Diretoria da Academia de Medicina de São Paulo acaba de aprovar e enviar carta às entidades congêneres, quais sejam: a Associação Paulista de Medicina, o Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo e o Sindicato dos Médicos de São Paulo, onde, em síntese, propõe-se a realizar uma reunião aberta à sociedade com a finalidade de analisar a medicina paulistana, em seus vários aspectos. Uma Comissão composta por quatro membros, um de cada entidade estaria avaliando a efetivação da ideia. Eis aí uma árdua tarefa a que se propõe a Academia.

Na seção “Contemporâneo”, encontra-se o resultado de uma pesquisa inédita realizada para avaliar como é tratado o tema “Ética” pelos diferentes órgãos formadores do profissional médico. Tema de grande interesse, considerando-se os novos problemas impostos pelo desenvolvimento tecnológico na medicina e na biologia. Não se pode dizer, infelizmente, que os resultados tenham sido dos mais alvissareiros. A Academia fez o diagnóstico de situação. Às Faculdades de Medicina caberá tomar conhecimento desses resultados e se sensibilizarem a fim de que os desvios existentes sejam corrigidos.

Na página reservada a “Variedades”, o acadêmico Arary da Cruz Tiriba aborda um tema deveras pertinente: “Onde começa a desumanização em Medicina?”. Uma análise estimulante de nossa vivência do cotidiano e até que ponto, como conclui o acadêmico Tiriba: “Desvios de conduta concorrem para a desumanização da Medicina”.

Temos recebido inúmeras contribuições dos acadêmicos, versando sobre diversas questões, todas elas pertinentes e interessantes, contudo, por questões de espaço, nem todas poderão estar neste número do Asclépio. Continuamos, entretanto, a receber colaborações dos nossos confrades e confreiras, para que possamos ter um Asclépio cada vez mais rico e diversificado.

## Acontece na Academia

- Atendendo ao convite feito à Academia de Medicina de São Paulo e na impossibilidade da ida do Presidente Affonso Renato Meira por motivo imperioso, o Acadêmico Ruy Yukimatsu Tanigawa representou a Academia de Medicina de São Paulo, no dia 10 de abril, em solenidade de posse do Acadêmico José O. Medina, na cidade do Rio de Janeiro, na Academia Nacional de Medicina.
- A Academia de Medicina de São Paulo, em um manifesto encabeçado pelo Conselho Regional de Medicina de São Paulo e assinado, também, pela Associação Paulista de Medicina, pelo Sindicato dos Médicos de São Paulo e pelos Sindicatos dos Médicos de Santos, Campinas e Sorocaba, deu seu apoio público em defesa da “Revalida”. O manifesto foi publicado no “O Estado de S.Paulo”, publicação diária de reputação incontestável.
- No dia 27 de abril, em um agradável e amistoso almoço, a Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert homenageou os membros titulares da Academia de Medicina de São Paulo que tomaram posse no dia 7 de março. Fizeram uso da palavra, em dois breves improvisos, o Presidente da Sociedade que oferecia o almoço, Claudio Luiz Lottenberg, e o Presidente da Academia, Affonso Renato Meira, que agradeceu a homenagem.
- A Academia de Medicina de São Paulo atualizou suas informações para “The Europa World of Learning 2013” um guia internacional para instituições acadêmicas. Em sua 63ª edição, The Europa World of Learning vem se estabelecendo como uma importante referência para os trabalhos sobre aprendizado e ensino.
- A Associação Médica Ítalo-Brasileira, a Associação dos Professores Eméritos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a Academia de Medicina de São Paulo e a Academia Paulista de História realizaram o Encontro Médico Ítalo-Brasileiro de 2012.
- A Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo publicou dois volumes de uma obra que conta a história dos cem anos de vida dessa prestigiosa instituição paulista. Inúmeros membros da Academia de Medicina de São Paulo, pertencentes aos quadros dessa Escola, participaram da elaboração desse livro cuja importância para a história da medicina paulistana é inquestionável.

## Contemporâneo

### Projeto Ética

A atual Diretoria da Academia de Medicina de São Paulo, na pretensão de conhecer a situação do ensino da Ética Médica nas Escolas de Medicina do Estado de São Paulo, elaborou e deu início no segundo semestre de 2011 a um projeto denominado Projeto Ética, dirigindo-se aos Diretores das Escolas de Medicina do Estado de São Paulo. Em uma primeira etapa, o projeto consistiu em entrar em contato com 31 Escolas de Medicina localizadas no Estado de São Paulo por meio de uma carta assinada pelo Presidente da Academia de Medicina de São Paulo, no seguinte teor: “A educação médica, o número de médicos necessários ao Brasil, a qualidade do ensino médico e o nível dos formandos em medicina, oriundos das escolas médicas brasileiras, estão entre outros assuntos polêmicos discutíveis e discutidos na atualidade do nosso país.

A Academia de Medicina de São Paulo, a quem cabe manter a tradição e resguardar a história da medicina paulista, não pode se esquivar de emitir sua opinião sobre aspectos de tal importância. Para se balizar não basta discutir ao nível teórico sobre números relativos às diversas regiões do território brasileiro ou fazer comparações com o que se conhece como realidades no exterior. É preciso conhecer a verdade do que ocorre no seu meio. O médico desejável tem algumas qualidades que devem ser destacadas ao lado da sua capacidade profissional. São qualidades de bom médico ser competente, honesto, pontual, íntegro, justo, dedicado, capaz, responsável, digno e saber decidir em prol do paciente como primeira escolha. Isso se resume na realidade de cumprir o estabelecido no capítulo Princípios Fundamentais do Código de Ética Médica em vigor, que reza em seu item II: O alvo de toda atenção do médico é a saúde do ser humano, em benefício da qual deverá agir com o máximo de zelo e o melhor de sua capacidade profissional.

Com o objetivo de conhecer como as Escolas de Medicina do Estado de São Paulo preparam seus alunos para que depois de formados sejam considerados bons médicos, não só nos aspectos científicos, mas também nos éticos, é

que a Academia de Medicina de São Paulo desenvolve este levantamento singular como início de um projeto realizado junto com todas as Escolas Médicas paulistas, com a finalidade de conhecer e de promover no que for necessário e possível a qualidade do ensino médico.

É com esse sentido que a Academia de Medicina de São Paulo solicita a gentileza de utilizar alguns minutos para preencher e enviar os dados, solicitados em anexo, desta primeira etapa do projeto.

Nome da instituição; endereço; endereço eletrônico; nome do diretor; carga horária de aula teórica de Ética Médica; carga horária de aula prática de Ética Médica; série do curso ou nível em que a matéria é ministrada; nome e título do docente responsável pelo ensino da matéria”.

Essa correspondência foi enviada no início do mês de agosto de 2011. Em setembro de 2011, foi enviada via Internet uma reiteração da solicitação e, por último, em novembro de 2011, foram contatadas por telefone as Escolas que não haviam atendido às solicitações anteriores.

Respostas: foram obtidas 18 respostas (58,1%), das quais, 8 (25,8%) só depois do envio da correspondência eletrônica; telefonicamente não foi obtida informação alguma.

Resultados: aulas teóricas - duas Escolas informaram que oferecem mais de 200 horas; mais de 100 horas responderam outras duas; entre 64 e 84 horas cinco Escolas; menos de 36 horas em cinco, das quais, duas escolas informaram serem aulas teórico-práticas; três informaram que não oferecem ensino teórico ou prático fundamentando o curso no “Aprendizado Baseado em Problemas” não possuindo docentes dedicados à Ética Médica; as demais declararam que o ensino é variável.

Ensino prático: Não são realizadas discussões práticas em treze Escolas, das quais, três oferecem ensino fundamentado em “Aprendizado Baseado em Problemas”, duas oferecem ensino teórico-prático e outra informou que o ensino prático é variável; as demais oferecem respectivamente 4, 8, 28, 42 e 212 horas de aula de ensino prático.

Nível do curso: foram obtidas informações muito variáveis. Escolas em que o ensino se iniciava no primeiro semestre do curso, em outras que o curso se diluía em vários momentos ou em todo curso e, finalmente, algumas que citavam a existência da matéria no internato, além das que não oferecem a matéria.

Rubrica da matéria: é lecionada sob diferentes rubricas, como: Bioética; Bioética Vivencial; Bioética e Formação Humanística; Medicina, Paciente e Sociedade; Deontologia; Clínica Médica; Saúde Coletiva; Medicina Legal e inclusive Ética Médica.

Comentário e conclusão: na impossibilidade de ser encontrada uma tendência no que refere ao número de horas de aula teórica ou prática, do momento do curso que deva ser ministrado o ensino de Ética Médica, assim como, a que título a matéria deve ser ministrada, fica sem propósito fazerem-se outros comentários e estendê-los como orientação a ser seguida pelas diferentes Escolas

Talvez, como corolário fosse valioso pensar na importância dessa matéria para a formação do médico.

## Memórias

Prof. Dr. Flamínio Fávero

Djalma Camargo Outeiro Pinto  
Titular da cadeira 10

### Personalidade vibrante e forte, espelhou gerações.

Flamínio Fávero formou-se em 1919, na primeira turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que veio a se constituir numa das unidades da Universidade de São Paulo (USP).

Foi discípulo do professor Oscar Freire de Carvalho, catedrático de Medicina Legal. A convite desse mestre, tornou-se, logo após a sua formatura, assistente da cátedra. Após a morte do professor Oscar Freire, tornou-se professor catedrático titular, por concurso, em 1923.

Flamínio Fávero foi diretor da Faculdade de Medicina da USP, foi também professor de Medicina Legal da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo.

Dedicou toda a sua vida ao desenvolvimento da Medicina Legal, da Deontologia Médica e da Medicina do Trabalho.

Foi o idealizador do Conselho de Medicina, sendo o seu primeiro diretor na gestão de 1955 até 1958, e reeleito para a gestão seguinte (1958-1964). Sua inscrição no Conselho Regional de Medicina de São Paulo é a de n° 001.

De formação religiosa, foi pastor presbiteriano. Devotado ao ensino, orientou mais 160 teses de doutoramento.

Personalidade vibrante e forte, embora pessoa serena, ponderada e sábia, nela têm-se espelhado gerações de discípulos e assistentes que o vêm sucedendo através dos anos, mantendo sua obra no ensino da Medicina Legal e Ética Médica, e no exercício da cátedra que ele tanto enobreceu.

Foi homenageado pelo povo paulistano, representado pela Câmara Municipal e Prefeitura de São Paulo, numa das ruas da capital que recebeu seu nome: "Rua Professor Flamínio Fávero".

A cadeira n° 10 da Academia de Medicina de São Paulo foi enaltecida e ganhou novo fulgor ao ser patroneada com o nome do insigne mestre.



Flamínio Fávero

**Nótuas:** As informações aditadas abaixo foram consignadas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira n° 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

1. Flamínio Fávero nasceu na cidade de São Paulo em 1895, e morreu em 1982. Foi o primeiro presidente do Conselho Regional de Medicina de São Paulo. Presidiu também o Sindicato dos Médicos de São Paulo; Conselho Penitenciário do Estado; Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo; Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; Sociedade Paulista da História da Medicina; e a insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo (1937-1938).

2. Flamínio Fávero destacou-se como escritor e conferencista; enriqueceu as letras médicas com magníficas obras, dentre elas, o Tratado de Medicina Legal, adotado por muitas décadas como referência. Essa obra foi editada várias vezes, chegando a ter 3 volumes (1938; 1945; 1958; 1962; 1966; 1975; 1980 e 1991). São também de sua autoria: A Questão Sexual (conferência – 1930); Código Penal Brasileiro – Crimes Contra a Saúde Pública (1950) e Código Penal Comentado (1950).

## As Moedas de Pôncio Pilatos

**Manoel Rollemberg dos Santos**  
Titular da cadeira 97

Quando o padre Filas, grande estudioso do SANTO SUDÁRIO, revelou em 1981, ter encontrado no olho direito do crucificado a presença de uma moeda, um “lepton” (em grego = coisa pequena), provocou imediatamente as mais desencontradas reações, algumas até de fúria, com adjetivações que chegavam a imaginá-lo delirante. Imediatamente, seus honorários na Universidade Loyola de Chicago, onde ministrava aulas, foram rebaixados em 65%. Típico castigo de país capitalista. Mas não ficou nisso. Além da moeda que homenageava o então imperador romano Tibério, cuja inscrição em grego (língua dominante na região desde Alexandre Magno) apresentava um erro na palavra TIBERIOUKAICAROC (Tibério Cesar), tendo notado as letras UCAI ao invés de UKAI. Isto já era demais. Inclusive, quase perde o emprego. No entanto, pouco depois, um negociante de moedas antigas de Nova York apresentou um “lepto” cunhado por Pôncio Pilatos no ano 30 de nossa era, na qual estava o erro de grafia. Houve uma reversão de toda situação e volta ao seu *status quo* anterior. Deu origem então ao estudo das moedas cunhadas pelo procurador romano na Judéia. Pilatos foi prefeito da Judéia entre os anos 26 e 36 d.C. Durante esse período criou uma moeda de bronze, cunhada nos anos 29, 30 e 31 de nossa era. Essas moedas circularam até próximo ao ano 100 d.C. As moedas apresentavam acabamento precário, sendo toscamente recortadas, demonstrando o pouco apuro e cuidado em sua manufatura. Em todas elas, homenageava o imperador Tibério (42 a.C – 37 d.C.). Na primeira destas moedas procurou homenagear igualmente sua mãe, daí o nome “Lepton Juolia”. A do ano 30, na face de rosto mostra



“Lituus”lepton do olho direito



Lepton “Juolia” do olho esquerdo

um bastão, símbolo do poder, daí o nome “Lituus lepton”. Tal símbolo é utilizado desde tempos imemoriais. Moisés é descrito com um bastão de cobre, que possuía propriedades mágicas, com a qual chegou a desafiar o faraó. É também o instrumento dos pastores para trazer suas ovelhas ao aprisco, cuja analogia é usada pelos religiosos para dirigir seu rebanho, através do “Báculo”. No símbolo de Esculápio da Medicina simboliza a sabedoria. Posteriormente, Filas chamou a atenção para a presença de outro lepton no olho esquerdo, o “lepton Juolia”. O hábito da colocação de uma moeda nos olhos do defunto vinha desde os tempos da mitologia grega, para justificar o pagamento ao barqueiro que o conduziria a uma nova vida, para a travessia do rio Stix, das profundezas. Pesquisas arqueológicas têm descoberto em alguns cemitérios daquela região esqueletos com moedas no cavo orbitário, confirmando o hábito nessas plagas.

Recentemente, o Professor Emérito Alan Whanger, da Universidade Duke, Carolina do Norte, diretor e fundador do “Council for Study of the Shroud of Turin”, desenvolveu um método através de um aparelho composto por três lentes com luz polarizada, na qual coloca, em uma lente, a figura do olho do crucificado (estudada com microscópio eletrônico) de um lado e a moeda lepton do outro e com a terceira procura a superposição das duas figuras, mostrando o perfeito encaixe de um “desenho” sobre o outro, como se fora uma lâmpada em um soquete! O professor tem feito inúmeros estudos sobre várias partes do esqueleto do crucificado, com resultados surpreendentes. Isto, porém, é outra história!



Justaposição do lepton de Filas e a imagem ocular

## Histórico

### Um sonho que se tornou realidade

**José Pinus**  
Titular da cadeira 41

Desde 1953, a ideia da construção de um hospital pela comunidade Israelita para São Paulo, vinha sendo acalentada pelo Dr. Manoel Tabacow Hidal, que já trocava ideias com colegas nos corredores de hospitais, no ambulatório onde era responsável. Em 1955, decidiu pelo convite a aproximadamente 100 jovens médicos judeus (entre ao quais eu me encontrava) para uma reunião em sua residência, com a informação de que se discutiria uma curiosa combinação de algo importante para os médicos e fundamental para comunidade da cidade de São Paulo. Lembro-me de algo que disse ao abrir a reunião: “Convidei-os para esta reunião em minha casa com a finalidade de propor a construção de um grande hospital, de um hospital de excepcional padrão que poderá ser considerado AAA pela American Medical Association, e é isso que vamos fazer”. Com esta frase definiu-se o meu compromisso com a instituição da qual faço parte com orgulho e me dedico até hoje.

Começava assim a saga da construção de um hospital pela comunidade judaica de São Paulo, e que daria atendimento universal, sem qualquer distinção de raça ou religião, a pobres e ricos, com profundo sentido ético, moral e religioso.

Em 1955, a Sociedade Brasileira Israelita Brasileira foi constituída e oficializada estatutariamente, denominada “Albert Einstein”, em homenagem à personalidade universal que havia recentemente morrido, o gênio da humanidade, Albert Einstein. Iniciou-se uma campanha para coleta de fundos para a construção do hospital, cujo projeto foi objeto de um concurso público da Associação dos Arquitetos, tendo sido vencedor o escritório de Rino Levi. O local escolhido para ser erguido o hospital foi uma área no bairro do Morumbi, doada por Ema G. Klabin.

A pedra fundamental foi lançada em novembro de 1959, para cujo lançamento foi convidado o filho de Albert Einstein, Hans Albert Einstein. Assim, já se pode ter uma ideia

da luta e do esforço para obter os recursos necessários, por meio de campanhas permanentes de angariações pelo corpo do Departamento Feminino de Voluntárias (fundado nos anos 1950), com a realização de bingos, exposições, leilões de obras de arte, desfiles de moda, bazares, shows e outras atividades a fim de conseguir levantar os meios para a primeira fase da construção, daquele que seria um dos mais importantes legados da coletividade judaica para a sociedade brasileira.

Em 1969, foi inaugurada a Pediatria Assistencial, que até hoje promove o atendimento gratuito em pediatria para a população carente do entorno, graças à ação entusiástica coordenada pelo Departamento de Voluntárias do hospital.

O hospital, em síntese, foi o resultado de quatro mandatos na presidência: Manoel Tabacow Hidal, idealista e visionário; José Fehér, com fascínio pela tecnologia e sua sabedoria prática; Reynaldo A Brandt, obcecado pela qualidade em todos os sentidos; Cláudio Luiz Lottenberg, empreendedor, concentrado em políticas sociais.

Cada qual com sua personalidade, cada qual respondendo às demandas e prioridades específicas de seu tempo, os quatro presidentes que lideraram o Einstein souberam amalgamar, em suas pessoas, os atributos do médico, do empreendedor e do humanista, preocupados em oferecer um atendimento médico-hospitalar afinado com os melhores padrões internacionais e sociais, baseado nos quatro pilares da tradição judaica que sustentam a Instituição: Refuá (Saúde), Chinuch (Educação) Mitzva (Boas Ações) e Tzedaká (Solidariedade e Justiça Social).

Foi assim que, às 8 horas da manhã de 25 de maio de 1971, foi inaugurado o Hospital Israelita Albert Einstein com a realização do 1º parto da Maternidade, que me propiciou a realização do 1º ato cirúrgico da Instituição, uma “circuncisão”, em 28 de maio. Maternidade essa que, ao longo dos anos, foi despontando pela excelência do atendimento ao binômio mãe-filho de alto risco.

O hospital foi construído, implantado, humanizado e o primeiro conjunto concluído, mas à medida que aumentava a demanda pelos seus serviços, tornou-se necessária a utilização de novos aparelhos de diagnóstico e tratamento e, então, o edifício nem bem concluído, o departamento de engenharia já se via na obrigação de realizar modificações para receber esses novos equipamentos. Houve, a seguir, a necessidade de agrupar um bloco para abrigar consultórios, ambulatório, o primeiro atendimento e uma novidade no Brasil a “Day Clinic”. Tive a oportunidade de acompanhar todas as modificações estruturais para poder contar sobre essas inovações.

Em 21 de agosto de 1981, foi constituído o Centro de Estudos do Hospital Albert Einstein, que cresceu junto com o hospital e, a partir de 1998, se constituiu no pujante Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa (IIEP). Aquele Centro de Estudos artesanal se constituiu também em um primeiro “Comitê de Ética em Pesquisa”,

e tratou de implantar uma pequena Biblioteca que se transformou na atual Biblioteca Lieselotte Adler Z'L, a maior biblioteca eletrônica na área hospitalar da América Latina. Apresenta mais de 7.500 títulos de periódicos eletrônicos disponíveis, além de permitir acesso às principais bases de dados científicas do mundo, atestando assim sua essencial contribuição nas pesquisas do IIEP, na formação e atualização do corpo clínico e demais profissionais da Sociedade. Foi criada uma revista, praticamente artesanal, "Arquivos Científicos", que deu lugar à atual e pujante Einstein, indexada sucessivamente nas bases LILACS, SciELO e Medline.

Até uma orquestra experimental de médicos, a única conhecida no Brasil, que se apresenta regularmente, faz parte do IIEP.

Ao longo dos anos, inúmeras conquistas foram feitas, das quais saliento: em 1972, a criação da Unidade de Terapia Intensiva do Einstein, atualmente denominada Dr. Elias Knobel, e a Unidade Semi-intensiva. Hoje, já são quatro décadas salvando vidas; em 1989, o início das atividades da Faculdade de Enfermagem; em 1997, a criação do Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis; em 1999, a acreditação pela Joint Commission International, constituindo-se no primeiro hospital do mundo fora dos Estados Unidos, a obter essa certificação de qualidade; ainda em 1999, a inauguração da Unidade Avançada Alphaville e a inauguração da Unidade Avançada Jardins; em 2001, a criação do Instituto Israelita de Responsabilidade Social Albert Einstein, início das parcerias com as Secretarias Municipal e Estadual de Saúde e da parceria com o SUS para realização de transplantes; em 2003, a incorporação pelo Einstein do Lar Golda Meir, que passou a se chamar Residencial Israelita Albert Einstein; em 2006, a inauguração da Unidade Avançada Ibirapuera; em 2007, a inauguração da Unidade Vila Mariana, do Centro de Diagnóstico Oftalmológico e do Centro de Simulação Realística; em 2008, a realização do primeiro implante percutâneo de valva aórtica, pioneiro na América Latina, e



*Hospital israelita Albert Einstein((Início)*



*Hospital israelita Albert Einstein(Atual)*

a realização das primeiras cirurgias com o sistema robótico Da Vinci; em 2010, a atuação do Hospital Israelita Albert Einstein no Haiti, em seguida ao terremoto de 12 de Janeiro, para onde enviou equipamentos e profissionais voluntários para ajudar a cuidar dos feridos após o terremoto; em 2011, após três anos de preparo, incluído o treinamento de quase todos os funcionários, o Hospital Israelita Albert Einstein recebeu a designação Planetree, ou seja, o reconhecimento de que o Hospital Israelita Albert Einstein é uma Instituição focada no paciente e na humanização do atendimento.

Assim segue o Hospital, fiel à sua missão de "oferecer excelência de qualidade no âmbito da saúde, da geração de conhecimento e da responsabilidade social, como forma de evidenciar a contribuição da comunidade judaica à sociedade brasileira", seguro de que o sonho se tornou realidade.

*Fontes: dados pessoais; Centro Histórico do HIAE; Relatório anual de 2011.*

## Desumanização em Medicina

### Onde começa a desumanização em medicina?

Arary da Cruz Tiriba  
Titular da Cadeira 81

Considerem-se as expressões proferidas durante a atividade didática e/ou profissional:

1. Entre colegas no corredor hospitalar:  
<E aí, cara, como vai?>
2. Durante a azáfama do pronto socorro:  
<Depressa! O cara foi baleado no pescoço!>
3. No anfiteatro, professor para o aluno:  
<Qual antibiótico daria, você, para o cara?>
4. Aluno de pós-graduação à discussão clínica:  
<A barriga do cara estava dura como tábua!>
5. No colegiado universitário, professor sobre a revisão:  
<Reprovação mantida! O cara excedeu-se em faltas>

Perceberam, “cara”, na ordem do dia, múltiplo sentido. 1. Mero tratamento de camaradagem; 2. No ambiente conturbado por informantes e policiais estranhos à equipe de saúde, expressões ásperas são ouvidas; tam-

bém porque a vítima de ato violento, frequentemente, é desconhecida; associada à emergência, soaria como estímulo para a ação; 3. O aluno reproduzirá o exemplo ou, alternativamente, ficará com a admiração pelo mestre abalada; 4. Como fica a imagem de quem a profere? A do respeito? A da insensibilidade, ainda que o paciente esteja a distância ou que já tenha morrido? O futuro doutor preserva a dignidade do doente? Dureza da “barriga” é correspondente à expressão consagrada: abdome em tábua, considerada entre as urgências cirúrgicas a anormalidade grave que leva ao estado de choque; barriga da perna e barriga-d’água são toponímicos, mas “barriga do cara”, certamente, não! Barriga soa bem no diálogo com o paciente; ademais, restringe-se ao luso-espanhol, enquanto “abdome” (?) origem latina (?) é, praticamente, universal, até para anglo-saxônicos; e 5. No colegiado, (?) onde tem assento a representação discente (?), permitiria a reciprocidade de tratamento, do aluno para o professor: <o quintanista estourou em faltas por vestir a camisa da universidade no campeonato esportivo de onde trouxe a medalha de ouro de campeão! Isso nada significa, cara?>.

Postura do médico, em todos os tempos, alvo de olhares críticos! Simples ou soberbo. Despojado ou dinheirento. Acessível ou impenetrável. Compreensível ou complicado. Calmo ou impaciente. Confiável ou inseguro. Circunspecto ou brincalhão. Delicado ou grosso. De cavalheiro a demônio, de anjo a deus...

O cinzelamento do comportamento médico é processado na universidade, onde a crítica é útil e indispensável. Desvios da conduta concorrem para a desumanização da profissão.

UNIMED PAULISTANA  
coopera com a publicação do ASCLÉPIO

Diretoria

<b>Presidente</b>	Acadêmico Afonso Renato Meira
<b>Vice-presidente</b>	Acadêmico José Roberto de Souza Baratella
<b>Secretário Geral</b>	Acadêmico Luiz Celso Mattosinho França
<b>Secretário Adjunto</b>	Acadêmico Sergio Paulo Rigonatti
<b>Primeiro Tesoureiro</b>	Acadêmico Antonio Carlos Gomes da Silva
<b>Segundo Tesoureiro</b>	Acadêmico Nelson Fontana Margarido
<b>Diretor-cultural</b>	Acadêmico Arary da Cruz Tiriba
<b>Diretora de Comunicação</b>	Acadêmica Linamara Rizzo Battistella

<b>Comissão de Patrimônio</b>
Acadêmico Guido Arturo Palomba
Acadêmica Conceição A. de Mattos Segre
Acadêmico Hudson Hübner França
<b>Conselho Científico</b>
Acadêmico Álvaro E. de Almeida Magalhães
Acadêmico José Carlos Prates
Acadêmico Sergio Almeida de Oliveira

Expediente

<b>Editora Acadêmica</b>	Conceição Aparecida de Mattos Segre
<b>Endereço</b>	Avenida Brigadeiro Luís Antonio 278   CEP 01318-901   6° andar   Tel.: (11) 3105 4402   Fax: (11) 31065220
<b>E-mail</b>	contato@academiamedicinasoapaulo.org.br

**Produção Gráfica** h2m studio de criação e design | www.h2m.art.br | Tel.: (11) 99132-5347

**O Asclépio não tem qualquer responsabilidade sobre os conteúdos assinados pelos acadêmicos.**